

O Estado com uma Máscara

Último avatar da globalização

Miguel Amorós



07 de Abril de 2020

Conteúdo

Importância do Estado na nova fase autoritária do capitalismo	3
---	---

Importância do Estado na nova fase autoritária do capitalismo

A crise atual significou algumas reviravoltas no controle social por parte do Estado. O principal nesse assunto já estava bem estabelecido porque as condições econômicas e sociais que prevalecem hoje exigiam; a crise apenas acelerou o processo. Estamos participando à força como massa de manobra em um ensaio geral de defesa da ordem dominante contra uma ameaça global. O coronavírus 19 tem sido a razão do rearmamento do domínio, mas uma catástrofe nuclear, um *impasse* climático, um movimento migratório imparável, uma revolta persistente ou uma bolha financeira difícil de gerenciar ainda teriam servido. No entanto, a causa não é a menor, e a mais verdadeira é a tendência global em direção à concentração de capital, o que os líderes indiscriminadamente chamam de globalização ou progresso. Essa tendência encontra correlação na tendência à concentração de poder, portanto, ao reforço dos dispositivos de contenção, desinformação e repressão estatal. Se o capital é a substância desse ovo, o Estado é a casca. Uma crise que põe em perigo a economia globalizada, uma crise sistêmica como dizem agora, provoca uma reação defensiva quase automática e lança mecanismos disciplinares e punitivos previamente preparados. O capital vem ao fundo e é aí que o Estado aparece em toda a sua plenitude. As leis eternas do mercado podem tirar férias sem alterar sua validade.

O Estado tenta mostrar-se como a tabela de salvamento que a população deve manter quando o mercado dorme no banco e na bolsa de valores. Enquanto trabalhava no retorno à ordem anterior, ou seja, como dizem os cientistas da computação, ao tentar criar um ponto de restauração do sistema, o Estado desempenha o papel de protagonista protetor, embora na realidade seja mais semelhante ao de um bobo da corte. Apesar de tudo, e por mais que diga, o Estado não intervém em defesa da população, nem mesmo de instituições políticas, mas em defesa da economia capitalista e, portanto, em defesa do trabalho dependente e do consumo induzido que caracterizam o modo de vida determinado por ele. De alguma forma, protege-se de uma possível crise social como resultado de outra crise de saúde, ou seja, se defende da população. A segurança que realmente conta para ele não é a do povo, mas a do sistema econômico, que é frequentemente chamado de segurança “nacional”. Conseqüentemente, um retorno à normalidade não passará de um retorno ao capitalismo: aos quarteirões e segundas residências, ao barulho do tráfego, à comida industrial, ao transporte privado, ao turismo de massa, ao *panem et circenses* ... Formas extremas de controle, como confinamento e distância interindividual, terminarão, mas o controle continuará. Nada é transitório: um Estado não desarma por sua própria vontade, nem ignora alegremente as prerrogativas que a crise lhe concedeu. Simplesmente “hibernará” os menos populares, como sempre fez. Vamos considerar que a população não foi mobilizada, mas imobilizada, por isso é lógico pensar que o Estado do capital, mais em guerra contra ele do que contra o coronavírus, ele tenta se curar em saúde, impondo condições cada vez mais não naturais à sua sobrevivência.

O inimigo público designado pelo sistema é o indivíduo desobediente, o indisciplinado que ignora as ordens unilaterais de cima e rejeita o confinamento, se recusa a permanecer nos hospitais e não mantém distância. Quem não concorda com a versão oficial e não acredita em seus números. Obviamente, ninguém apontará os responsáveis por deixar os profissionais de saúde e cuidadores sem equipamento de proteção e hospitais sem leitos ou unidades de terapias intensivas suficientes, aos chefes culpados pela falta de testes de diagnóstico e respiradores, ou aos líderes administrativos que não se preocupavam com os idosos nas residências. Nem apontará o dedo da informação para especialistas em desinformação, para empresários que especulam sobre os fechamentos, fundos de abutres, aqueles que se beneficiaram com o desmantelamento da saúde pública, para quem negocia com multinacionais de saúde ou farmacêuticas ... A atenção sempre será direcionada, ou melhor, por controle remoto, para qualquer outro lado, para a interpretação otimista das estatísticas, à ocultação de contradições, às mensagens governamentais paternalistas, ao incitamento sorridente à docilidade das figuras da mídia, ao comentário humorístico das banalidades que circulam nas redes sociais, ao papel higiênico etc. O objetivo é que a crise da saúde seja compensada por um maior grau de domesticação. Que o trabalho dos líderes não seja questionado nem um pouco. Que o mal seja apoiado e que as causas sejam ignoradas.

Não há nada natural na pandemia; é um fenômeno típico do estilo de vida doentio imposto pelo turbocapitalismo. Não é o primeiro, nem será o último. As vítimas são menos do vírus do que da privatização da saúde, desregulamentação do trabalho, desperdício de recursos, aumento da poluição, urbanização descontrolada, hipermobilidade, superlotação concentracional metropolitana e alimentos industriais, particularmente os derivados de macro-fazendas, locais onde os vírus encontram seu lar reprodutivo imbatível. Condições adequadas para pandemias. A vida que deriva de um modelo de

industrialização onde os mercados dominam é isolada em si mesma, pulverizada, estável, tecnologicamente dependente e propensa a neurose, todas as qualidades que favorecem a demissão, submissão e cidadania “responsável”. Embora sejamos governados por inúteis, ineptos e incapazes, a árvore da estupidéz dominante não deve impedir-nos de ver a floresta de servidão do cidadão, a massa impotente pronta para se submeter incondicionalmente e se trancar diante da aparente segurança que a autoridade estatal promete. Por outro lado, isso geralmente não recompensa a fidelidade, mas para guardar contra os infiéis. E, para ela, potencialmente, somos todos infiéis.

De certa forma, a pandemia é uma consequência do impulso do capitalismo de Estado chinês no mercado mundial. A contribuição oriental para a política consiste, acima de tudo, na capacidade de reforçar a autoridade estatal a limites inesperados através do controle absoluto das pessoas através da digitalização total. A esse tipo de virtude policial burocrática poderia ser acrescentada a capacidade da burocracia chinesa de colocar a mesma pandemia a serviço da economia. O regime chinês é um exemplo de capitalismo tutelar, autoritário e de desenvolvimento avançado alcançado após a militarização da sociedade. Na China, o domínio terá sua futura era dourada. Sempre há retardatários de coração fraco que se arrependem do revés da “democracia” que o modelo chinês acarreta, como se o que eles chamam isso não era outra coisa senão a forma política de um período obsoleto, aquele que correspondeu à partitocracia consentida da qual eles participaram alegremente até ontem. Bem, se o parlamentarismo começa a ser impopular e fedorento para a maioria dos dirigidos e, conseqüentemente, é cada vez menos eficaz como ferramenta de domesticação política, em grande parte, é devido à preponderância que o controle policial e a censura ao malabarismo partidário adquiriram nos últimos tempos. Os governos tendem a usar estados de alarme como uma ferramenta comum do governo, pois as medidas que envolvem são as únicas que funcionam corretamente para dominar em momentos críticos. Escondem a verdadeira fraqueza do Estado, a vitalidade que a sociedade civil contém e o fato de o sistema não ser sustentado por sua força, mas pela atomização de seus sujeitos descontentes. Numa fase política em que o medo, a chantagem emocional e o *big data* são essenciais para governar, os partidos políticos são muito menos úteis que os técnicos, comunicadores, juízes ou a polícia.

O que mais deve nos preocupar agora é que a pandemia não apenas culmina alguns processos que vêm dos tempos antigos, como o da produção industrial padronizada de alimentos, o da medicalização social e o da regulação da vida cotidiana, mas que avança consideravelmente no processo de digitalização social. Se a comida lixo como uma dieta global, o amplo uso de remédios farmacológicos e a coerção institucional são os ingredientes básicos do bolo da vida cotidiana pós-moderna, vigilância digital (a coordenação técnica das câmeras de vídeo, reconhecimento facial e rastreamento de telefones celulares) é a cereja do bolo. Desses pós, essas lamas. Quando a crise passar, quase tudo será como antes, mas o sentimento de fragilidade e inquietação permanecerá mais do que a classe dominante desejaria. Esse desconforto da consciência diminuirá a credibilidade dos partidos de vitória dos ministros e porta-vozes, mas resta saber se eles podem jogá-los fora da cadeira em que se estabeleceram. Caso contrário, se eles mantivessem sua poltrona, o futuro da raça humana permaneceria nas mãos dos impostores, uma vez que uma sociedade capaz de assumir o controle de seu próprio destino nunca poderá ser formada dentro do capitalismo e dentro da estrutura de um Estado. A vida das pessoas não começará a trilhar os caminhos da justiça, autonomia e liberdade sem abandonar o fetichismo da mercadoria, apostando na religião estatista e esvaziando suas grandes lojas e igrejas.

Biblioteca Anarquista



Miguel Amorós
O Estado com uma Máscara
Último avatar da globalização
07 de Abril de 2020

<https://kaosenlared.net/el-estado-con-mascarilla/>

Titulo Original: *El Estado con mascarilla - Último avatar de la mundialización*. Tradução e Revisão por André Tunes @Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org